

O PAPEL DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA INCLUSÃO E HUMANIZAÇÃO DO ENSINO

THE ROLE OF HOSPITAL PEDAGOGY IN INCLUSION AND HUMANIZATION OF EDUCATION

Maria Isabel Berwanger Fernandes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i10.846>

Aceito em: 05.09.2026

Resumo: Este artigo, aborda a pedagogia desde sua origem na Grécia Antiga até sua ampliação para além da escola. Destaca-se a pedagogia hospitalar, que assegura a continuidade do ensino e o suporte emocional às crianças e adolescentes internados, garantindo seu direito à educação conforme a legislação brasileira. A prática do pedagogo no ambiente hospitalar se torna essencial para a inclusão e humanização no ensino. A pesquisa bibliográfica evidencia a evolução da pedagogia e sua adaptação às necessidades sociais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, fundamentada em livros, artigos científicos e documentos oficiais que abordam a atuação do pedagogo no contexto hospitalar. O objetivo é compreender, por meio da análise de referenciais teóricos, as funções e contribuições do profissional pedagogo no ambiente hospitalar, destacando sua importância no processo de ensino e aprendizagem e no acolhimento pedagógico de crianças em situação de internação. O estudo mostra que o pedagogo atua além da escola, alcançando hospitais, onde sua presença é essencial para a continuidade do aprendizado e o suporte emocional dos estudantes. Possui apoio das legislações nacionais, que reafirma o direito à educação em qualquer circunstância, promovendo inclusão e humanização no ensino. Destaca-se a importância do pedagogo como mediador e agente de transformação social, garantindo o acesso à educação mesmo em contextos adversos.

Palavras-chave: Pedagogia hospitalar; Educação não formal; Ensino-aprendizagem.

Abstract: This article discusses pedagogy from its origins in Ancient Greece to its expansion beyond the school setting. It highlights hospital pedagogy, which ensures the continuity of education and emotional support for hospitalized children and adolescents, guaranteeing their right to education in accordance with Brazilian legislation. The role of the pedagogue in the hospital environment becomes essential for inclusion and humanization in education. The bibliographic research demonstrates the evolution of pedagogy and its adaptation to social needs. This is a qualitative, bibliographic study based on books, scientific articles, and official documents that address the role of the pedagogue in the hospital context. The objective is to understand, through the analysis of theoretical frameworks, the functions and contributions of the pedagogue in the hospital environment, emphasizing their importance in the teaching and learning process and in the pedagogical support of hospitalized children. The study shows that the pedagogue works beyond schools, reaching hospitals, where their presence is crucial for the continuity of learning and the emotional support of students. This work is supported by national legislation,

which reaffirms the right to education under any circumstance, promoting inclusion and the humanization of education. The pedagogue is emphasized as a mediator and agent of social transformation, ensuring access to education even in adverse contexts.

Keywords: Hospital pedagogy; Non-formal education; Teaching-learning.

Introdução

A pedagogia, reconhecida como a ciência que organiza e sistematiza processos educativos ao longo das diversas etapas do desenvolvimento humano, tem suas origens na Grécia Antiga. Neste período, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles estabeleceram princípios fundamentais para o ensino que influenciam até hoje a pedagogia moderna. Inicialmente, a palavra pedagogia referia-se ao ato de orientar crianças no aprendizado, mas o conceito foi ampliado, abordando atualmente não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional e social de cada indivíduo (Veiga, 2002).

Com o passar do tempo, a pedagogia tornou-se um campo cada vez mais abrangente, buscando atender às necessidades educativas em diferentes contextos, indo além do ambiente escolar. Nesse cenário ampliado, o papel do pedagogo transcende a sala de aula, sendo demandado em hospitais, instituições culturais, empresas, ONGs e até no sistema prisional (Libâneo, 2012). Essa expansão reforça a educação como um direito fundamental, demonstrando que o pedagogo tem um papel essencial de mediação e transformação social, ao adaptar suas práticas às realidades específicas de cada contexto (Pimenta & Lima, 2017).

Em um contexto específico como o hospitalar, por exemplo, surgiu a pedagogia hospitalar, que visa garantir que crianças e adolescentes internados continuem seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Esse atendimento é assegurado por leis nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) e regulamentações do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), que reforçam o compromisso com a inclusão educacional e o direito à educação mesmo em condições de vulnerabilidade (Brasil, 2002); (Mantoan, 2003). Assim, a pedagogia hospitalar emerge como uma prática importante de inclusão e humanização, que não apenas mantém a continuidade do aprendizado, mas também oferece suporte emocional, promovendo a integração do estudante hospitalizado com o ambiente educativo de forma adaptada e acolhedora.

Tendo em vista o papel do pedagogo, o objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira esse profissional contribui para a construção de um ambiente educativo adaptado, acolhedor e humanizado no contexto hospitalar, garantindo a continuidade do processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes em situação de internação. Busca-se compreender como a atuação pedagógica pode promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o bem-estar emocional dos estudantes, assegurando seu direito à educação em conformidade com a legislação brasileira. A investigação pretende, ainda, destacar o pedagogo como agente de

inclusão e transformação social, capaz de adaptar práticas pedagógicas às necessidades específicas de cada paciente, respeitando suas condições de saúde e contexto de vida.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, fundamentada em livros, artigos científicos e documentos oficiais que abordam a atuação do pedagogo no contexto hospitalar. O objetivo é compreender, por meio da análise de referenciais teóricos, as funções e contribuições do profissional pedagogo no ambiente hospitalar, destacando sua importância no processo de ensino e aprendizagem e no acolhimento pedagógico de crianças em situação de internação.

Dessa forma, evidencia-se que o papel do pedagogo na intervenção hospitalar vai muito além da simples transmissão de conteúdos escolares. Trata-se de uma atuação sensível, ética e adaptativa, que exige escuta atenta, empatia e competência técnica para lidar com situações de vulnerabilidade. O pedagogo hospitalar atua como elo entre o ambiente educativo e o processo de cuidado em saúde, promovendo um espaço de aprendizagem significativo e humanizado. Ao respeitar as singularidades de cada criança ou adolescente internado, esse profissional contribui ativamente para a manutenção dos vínculos com a vida escolar, minimizando os impactos do afastamento e favorecendo a inclusão, a autonomia e a continuidade do desenvolvimento integral. Portanto, a presença do pedagogo no ambiente hospitalar reafirma o compromisso da educação com os direitos humanos e com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Definição e origem da pedagogia

A palavra Pedagogia vem do grego, onde paidós significa “criança” e agogé quer dizer “condução” ou “orientação”. Inicialmente, o termo descrevia quem tinha o papel de guiar e apoiar as crianças em seu aprendizado, essencial na formação inicial das pessoas. Com o tempo, o conceito se expandiu e hoje é entendido como uma ciência que organiza e sistematiza os processos educativos em todas as fases do desenvolvimento humano (Veiga, 2002).

A Grécia Antiga é amplamente reconhecida como o ponto de partida das primeiras reflexões sobre a pedagogia. Pensadores gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles estabeleceram fundamentos que moldaram a educação ocidental. Sócrates, por exemplo, criou o método dialógico, caracterizado pelo questionamento e respostas, estimulando o pensamento crítico e o conhecimento por meio do diálogo (Silva, 2010). Esse método evidenciou o papel do educador, que não apenas transmite conteúdos, mas guia o aprendizado de forma ativa e participativa.

Na obra “A República”, Platão destaca que a educação é fundamental para alcançar a justiça e o bem coletivo, argumentando que o processo educativo deve moldar tanto a mente quanto o caráter, preparando os indivíduos para contribuírem positivamente para a sociedade (Saviani, 2008). Aristóteles, discípulo de Platão, complementa essa ideia, defendendo que a educação precisa desenvolver virtudes e racionalidade, dando grande importância aos valores éticos e morais na prática pedagógica (Pimenta & Lima, 2017).

A pedagogia, ao se consolidar como campo científico, passou a investigar os fenômenos educativos de forma sistemática e crítica. Como ciência da educação, ela busca compreender os fundamentos, os objetivos, os métodos e os efeitos das práticas pedagógicas em contextos diversos. Esse caráter científico não significa rigidez ou padronização, mas sim a capacidade de refletir teoricamente sobre a prática educativa, buscando constantemente a superação de desafios e a transformação da realidade educacional. Para Libâneo (2012), a pedagogia é uma ciência aplicada, fundamental para estruturar e organizar conhecimentos, contribuindo para que o ensino seja significativo e contextualizado. Saviani (2008) acrescenta que a pedagogia busca compreender as relações entre educador e educando, e entre o indivíduo e a sociedade, com o objetivo de formar cidadãos críticos e socialmente conscientes.

De acordo com o Livro “ciência da educação” a pedagogia não se limita à técnica ou à reprodução de conteúdo, mas assume uma função crítica e transformadora. Ela se ocupa do estudo das práticas educativas em sua totalidade, considerando os contextos históricos, sociais, políticos e culturais em que ocorrem. Sua função vai além de transmitir saberes, envolve compreender as relações entre educador e educando, entre sujeito e sociedade, e entre teoria e prática. Nessa perspectiva, o pedagogo torna-se um mediador reflexivo, capaz de interpretar a realidade e propor práticas pedagógicas coerentes com os princípios democráticos, inclusivos e emancipatórios.

A pedagogia moderna, influenciada por pensadores como John Dewey, Paulo Freire e Emília Ferreiro, passou a valorizar a educação como experiência, diálogo e construção coletiva de saberes. Dewey defendia que a educação deve ser baseada na experiência concreta do aluno, promovendo aprendizagem significativa e contextualizada. Freire (1996), por sua vez, concebia a pedagogia como prática de liberdade, onde o educador atua como facilitador do pensamento crítico e da consciência social dos educandos. Essa visão ampliada reforça a pedagogia como ciência viva e dinâmica, que se adapta às transformações sociais e às necessidades emergentes da educação contemporânea.

Nos dias atuais, a pedagogia assume um papel central na construção de políticas educacionais, no desenvolvimento de currículos escolares, na formação de professores e na inclusão de grupos historicamente marginalizados. A pedagogia enquanto ciência da educação também se estende a contextos não escolares, como hospitais, prisões, empresas e espaços comunitários, demonstrando sua capacidade de atuação ampla e adaptável. Sua função como ciência crítica é, portanto, interpretar e transformar a realidade, promovendo uma educação voltada à justiça social, à equidade e à emancipação dos sujeitos.

Assim, compreender a pedagogia como ciência da educação é reconhecer sua importância para a constituição de práticas educativas fundamentadas, conscientes e voltadas à formação integral do ser humano. Dewey resume essa ideia ao dizer que “a educação não é preparação para a vida; é a própria vida”, reforçando o valor de uma educação dinâmica e contínua, que não apenas sistematiza conhecimentos pedagógicos, mas contribui ativamente para a construção

de uma sociedade mais justa, ética e democrática, tornando-se essencial na mediação entre conhecimento, cultura e transformação social.

A Função do pedagogo em ambientes não escolares

Nos últimos anos, a atuação do pedagogo em espaços que extrapolam o ambiente escolar tem se expandido significativamente, refletindo uma compreensão mais abrangente da educação como um processo contínuo, social e transformador. Historicamente vinculado à escola, o pedagogo era visto como o profissional responsável por planejar, acompanhar e avaliar o ensino formal. Entretanto, com o avanço das discussões sobre a educação ao longo da vida e a valorização da educação não formal, esse campo de atuação foi ampliado para diferentes ambientes, como hospitais, empresas, ONGs, instituições culturais, centros de reabilitação, comunidades e o sistema prisional (Libâneo, 2012).

Nesses contextos, o pedagogo atua como mediador de saberes, articulador de ações formativas e agente de transformação social. Ele adapta suas práticas às especificidades de cada realidade, propondo estratégias pedagógicas que respeitam a diversidade e promovem inclusão, autonomia e emancipação. Como afirma Libâneo:

O pedagogo deve ser capaz de compreender as diversas manifestações educativas da sociedade contemporânea e atuar nelas com intencionalidade formativa, ainda que fora da estrutura da escola formal (LIBÂNEO, 2012, p. 89).

A educação não formal se caracteriza por ocorrer fora do sistema oficial de ensino, de forma intencional, organizada e flexível, com foco na formação humana, cidadã ou profissional. Segundo Gohn:

A educação não formal tem sido um dos principais instrumentos utilizados por organizações da sociedade civil para promover a formação política, o empoderamento social e o desenvolvimento de práticas cidadãs (GOHN, 2010, p. 39).

Esse tipo de educação permite maior liberdade na escolha de métodos, conteúdos e objetivos, sendo adequada para contextos onde o ensino tradicional não atende plenamente às necessidades dos sujeitos. Por exemplo, no ambiente hospitalar, o pedagogo trabalha com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, exigindo escuta ativa, empatia, adaptação de conteúdos e apoio emocional. Como destaca Freire (1996, p. 57): “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Ensinar exige sensibilidade. Ensinar exige alegria e esperança”.

Já no ambiente corporativo, o pedagogo contribui com o desenvolvimento humano e profissional dos colaboradores por meio de ações educativas voltadas à capacitação, ao fortalecimento das relações interpessoais e à promoção de uma cultura organizacional mais participativa. Segundo Veiga:

A pedagogia empresarial reconhece a importância de um profissional que compreenda os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano nas organizações, contribuindo para a formação contínua dos sujeitos (VEIGA, 2002, p. 103).

Essa multiplicidade de espaços exige do pedagogo competências ampliadas, como pensamento crítico, habilidades comunicativas, postura ética e criatividade. Como explicam Pimenta e Lima.

A pedagogia, ao sair da escola, se vê diante de novos desafios, que exigem do profissional uma postura ética, crítica e criativa diante de realidades diversas e em constante transformação (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 74).

Saviani, por sua vez, chama atenção para o caráter político da ação educativa, inclusive fora do ambiente escolar, reforçando a necessidade de uma prática pedagógica comprometida com a transformação social. “Educar é, essencialmente, um ato político e, portanto, toda prática educativa, ainda que em contextos não escolares, carrega um projeto de sociedade” (SAVIANI, 2008, p. 112).

A expansão do campo de atuação do pedagogo se intensificou a partir da década de 1980, impulsionada por mudanças nas políticas públicas e pela compreensão da educação como um direito de todos. O fortalecimento de práticas inclusivas e cidadãs ampliou a presença de pedagogos em diversos setores da sociedade, contribuindo para a formação integral dos sujeitos em contextos como saúde, trabalho, assistência social e cultura. Essa ampliação consolidou a pedagogia como uma prática educativa que ultrapassa a sala de aula tradicional e assume papel relevante em diferentes esferas da sociedade contemporânea.

Como destaca Libâneo, essa nova configuração educacional “reflete uma visão mais inclusiva e flexível da educação, ampliando as fronteiras da pedagogia” (LIBÂNEO, 2012, p. 92). Freire (1996) também ressalta que essa transição oferece uma rica oportunidade de inovação: “A prática pedagógica precisa reinventar-se constantemente. A diversidade de contextos amplia o horizonte do educador e enriquece o processo de ensino-aprendizagem” (FREIRE, 1996, p. 89).

Portanto, o pedagogo em ambientes não escolares exerce um papel estratégico na construção de uma educação crítica, inclusiva e transformadora. Sua presença em diferentes espaços sociais reforça o compromisso da pedagogia com a promoção da cidadania, da equidade e da justiça social.

A pedagogia hospitalar: conceitos e fundamentos e práticas

A pedagogia hospitalar é uma prática educativa que tem como objetivo assegurar o direito à educação para crianças e adolescentes internados devido a questões de saúde, permitindo a continuidade de seus estudos durante o período de hospitalização. Mais do que simplesmente seguir um currículo escolar tradicional, essa modalidade pedagógica adapta-se às condições de saúde dos estudantes, além de contribuir para o fortalecimento emocional dos pacientes. Ao promover uma rotina de estudos e um senso de normalidade, a pedagogia hospitalar ajuda a manter a criança conectada ao ambiente escolar e à sua rotina diária, oferecendo suporte em um momento de grande fragilidade (Mantoan, 2003).

No Brasil, a pedagogia hospitalar começou a ganhar estrutura e reconhecimento a partir da década de 1990, ainda que iniciativas pontuais tenham surgido anteriormente. O marco inicial desse movimento foi a criação de classes hospitalares, que começaram a ser incluídas nas políticas educacionais nacionais como um direito necessário e garantido. A primeira classe hospitalar do país foi implementada no Hospital Jesus, no Rio de Janeiro, em 1950, mas o desenvolvimento formal e sistemático ocorreu após a Constituição de 1988 e com o avanço das políticas públicas, especialmente com programas específicos que passaram a assegurar o atendimento educacional em ambientes hospitalares (Padilha & Pires, 2014). Esse desenvolvimento reflete uma percepção cada vez maior do direito à educação, independentemente das condições adversas de saúde.

A legislação brasileira fundamenta o atendimento pedagógico hospitalar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que reafirma o direito à educação mesmo em situações de hospitalização. Além disso, a Resolução nº 41 de 1995, promulgada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), garante o direito de crianças e adolescentes em hospitais de continuarem suas atividades escolares durante o tratamento. Em 2002, o Ministério da Educação (MEC) publicou diretrizes para o atendimento em classes hospitalares, reforçando a integração entre educação e saúde e promovendo a continuidade pedagógica das crianças internadas (Brasil, 2002). Essas políticas têm como objetivo assegurar o desenvolvimento educativo e emocional das crianças e adolescentes, com apoio contínuo da equipe de saúde.

Esses marcos legais estão embasados em uma estrutura robusta de direitos e garantias que visam a inclusão educacional, porém sua implementação ainda enfrenta desafios. Entre eles estão a formação especializada para professores atuarem em hospitais e a ampliação do atendimento educacional para regiões mais distantes. Mesmo assim, a legislação deixa claro que condições de saúde não podem interromper o direito à educação e ao desenvolvimento. Abaixo, são detalhadas as principais normas que regem a pedagogia hospitalar:

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996: A LDB estabelece, no artigo 4º, inciso III, que é dever do Estado assegurar “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”, incluindo o atendimento em casos de hospitalização, reafirmando o direito à educação em qualquer circunstância. Segundo Pires (2017), essa inclusão aponta que a educação é um direito universal que deve ser garantido independentemente da condição de saúde do estudante.

Resolução nº 41/1995 do CONANDA: A Resolução nº 41 de 1995 foi um marco na educação hospitalar no Brasil, pois definiu que crianças e adolescentes hospitalizados têm o direito de continuar suas atividades educacionais enquanto estiverem internados. Essa resolução, promovida pelo CONANDA e pela Sociedade Brasileira de Pediatria, estabelece que o tratamento de saúde não pode interromper o aprendizado, reafirmando a integração entre educação e saúde como pilares para o desenvolvimento (Mantoan, 2003).

Diretrizes de 2002 do Ministério da Educação (MEC): Em 2002, a Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC estabelece orientações específicas para a implementação de classes hospitalares em hospitais pediátricos, definindo parâmetros para o atendimento pedagógico em ambientes hospitalares. Essas diretrizes visam promover a inclusão e adaptar o conteúdo escolar às necessidades de saúde dos alunos, para que o acompanhamento educacional seja adequado ao período de internação (Brasil, 2002).

Constituição Federal de 1988: Embora não trate especificamente da pedagogia hospitalar, a Constituição Federal garante, no artigo 208, o direito de todos à educação básica. Esse direito implica que o Estado deve fornecer condições para que todos os indivíduos tenham acesso à educação, inclusive crianças e adolescentes hospitalizados por longos períodos (Padilha & Pires, 2014).

Esses marcos legais evidenciam o compromisso do Brasil em garantir o direito à educação de forma inclusiva, adaptando-o a diversas realidades e reconhecendo que a educação deve ser universal. A integração entre os setores de saúde e educação é essencial para o desenvolvimento pleno dos estudantes, mesmo em condições de vulnerabilidade.

Resultados pedagógicos analisados

A pedagogia hospitalar fundamenta-se nos princípios da educação inclusiva e do direito à educação como elemento fundamental para o desenvolvimento humano. De acordo com Mantoan (2003), a pedagogia hospitalar é mais do que a simples transmissão de conhecimento: trata-se de um processo de inclusão educacional, adaptado às necessidades específicas de cada estudante. A autora ressalta que essa prática, ao proporcionar uma rotina de estudos e atividades lúdicas, promove um ambiente de normalidade e bem-estar, fatores essenciais para a recuperação emocional e social de crianças e adolescentes em tratamento hospitalar.

Para Freire (1996), o direito à educação em qualquer contexto, inclusive em situações de vulnerabilidade, reafirma o papel transformador do conhecimento, promovendo uma aprendizagem que transcende as barreiras da saúde física. A pedagogia hospitalar, nesse sentido, se alinha aos conceitos freireanos de inclusão e respeito ao ser humano em todas as suas particularidades.

Pires (2017), acrescenta que a educação hospitalar é uma extensão da responsabilidade social e do compromisso da pedagogia com a igualdade de oportunidades educacionais. A pedagogia hospitalar, ao reconhecer o direito de acesso ao conhecimento durante a hospitalização, também fortalece a importância da continuidade no processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal dos indivíduos, independentemente de sua condição física.

A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar tem se consolidado como uma prática essencial no atendimento educacional de crianças em situação de internação, garantindo o direito à educação mesmo em ambientes adversos. Diversos estudos têm destacado o papel do pedagogo na promoção da continuidade do processo de aprendizagem, no apoio emocional e na mediação

entre a escola, a família e a equipe multidisciplinar de saúde. Ao longo dos anos, pesquisas têm evidenciado os benefícios da atuação pedagógica no hospital, reforçando a importância de políticas públicas que assegurem esse direito e incentivem a formação específica para atuação nesse contexto.

Pesquisas como a de Rabuske; Horn (2023), contribuem para a compreensão e análise da atividade do pedagogo na instituição hospitalar. A pesquisa de campo foi realizada no Setor de Atendimento Escolar Hospitalar de um hospital infantil em Santa Catarina, com o objetivo de compreender a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar. A investigação adotou uma abordagem qualitativa e utilizou como instrumentos metodológicos a observação direta, entrevistas semiestruturadas com duas pedagogas e uma coordenadora pedagógica, além de atividades com dez crianças hospitalizadas, como entrevistas e desenhos.

Durante cinco dias consecutivos, foram acompanhadas as práticas pedagógicas, tanto na sala de atividades quanto nos leitos. As ações da pedagoga incluíam: visitas diárias aos leitos, contato com a escola de origem após o terceiro dia de internação da criança, planejamento de atividades conforme os conteúdos escolares, mediação do processo de aprendizagem e apoio emocional às crianças. As pedagogas também registravam diariamente os conteúdos trabalhados e realizavam relatórios finais para a escola após a alta hospitalar.

Os resultados revelaram que o trabalho pedagógico no hospital vai além da manutenção da rotina escolar. Ele representa uma forma de humanização do atendimento à criança hospitalizada, promovendo motivação, continuidade do aprendizado e suporte emocional. Os desenhos e depoimentos das crianças evidenciaram sentimentos positivos em relação à escola no hospital, fortalecendo a importância desse atendimento. Constatou-se que o pedagogo atua como mediador do conhecimento e agente de escuta ativa, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, mesmo em situações de fragilidade.

Outra pesquisa importante que pode ser apresentada para compreensão da atividade do pedagogo na instituição hospitalar foi realizada por Souza 2021. A pesquisa de campo realizada na Classe Hospitalar Semear, situada no Centro de Oncohematologia Pediátrica do Hospital Universitário Oswaldo Cruz (HUOC/UPE), teve como objetivo compreender a prática da pedagogia hospitalar e seus impactos educacionais. A responsável pelo setor, pedagoga Cristiane Pedrosa, atua como gestora, coordenadora pedagógica e professora regente, desempenhando múltiplas funções em um ambiente hospitalar marcado por limitações físicas, emocionais e sociais dos educandos.

As práticas pedagógicas são organizadas com base na condição clínica diária dos estudantes, respeitando seu estado físico e emocional. O atendimento ocorre na sala de aula hospitalar ou nos leitos, com um tempo pedagógico de até uma hora por estudante. A ação pedagógica inclui contato com a escola de origem, planejamento individualizado e acompanhamento contínuo da aprendizagem. Os educandos atendidos são crianças e adolescentes de 4 a 14 anos, geralmente em tratamento contra câncer, com internações que variam de meses a anos.

Os resultados pedagógicos observados apontam que a manutenção do vínculo escolar durante o internamento contribui significativamente para a retomada da rotina, redução de traumas emocionais, continuidade dos estudos e fortalecimento da autoestima. A classe hospitalar atua como um espaço de reconstrução de perspectivas, ajudando a criança a se sentir pertencente ao ambiente educacional, mesmo em situação de vulnerabilidade. Além disso, promove o envolvimento da família no processo educativo e contribui para a reintegração escolar do aluno após a alta médica. O trabalho pedagógico, centrado em um olhar humanizado e afetivo, revela-se fundamental para assegurar o direito à educação e para o desenvolvimento integral do educando.

Destacamos também um estudo prático acerca do papel do pedagogo na instituição hospitalar realizada por Silva 2018 que a partir da análise dos dados coletados evidenciou que a prática pedagógica na Classe Hospitalar ocorre predominantemente na brinquedoteca do hospital, sendo este o principal espaço para o desenvolvimento de atividades lúdicas e educativas com crianças e adolescentes internados. O atendimento é realizado pela pedagoga responsável, com formação em Pedagogia e pós-graduação em Brinquedoteca, que atua também com uma brinquedoteca móvel para atender pacientes acamados. As atividades são planejadas de forma flexível, levando em consideração a faixa etária, as condições clínicas e os interesses dos educandos, conforme orientações do MEC e autores da área.

Embora a ênfase esteja nas atividades lúdicas e recreativas, observa-se uma intenção educativa clara, com foco no bem-estar emocional, na reinserção da criança no contexto de aprendizagem e na manutenção dos vínculos escolares. No entanto, não há uma articulação formal com as escolas de origem, o que limita a integração curricular dos conteúdos escolares. O trabalho pedagógico, mesmo sem seguir uma sistematização escolar rígida, contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos estudantes, especialmente por promover a humanização do ambiente hospitalar.

A brinquedoteca, apesar de parcialmente adequada às normas do MEC, oferece um ambiente acolhedor e adaptado, favorecendo a interação, a criatividade e o alívio emocional. A atuação da pedagoga tem impacto positivo na motivação das crianças e adolescentes, promovendo não apenas aprendizado, mas também acolhimento e resgate da rotina escolar. O trabalho é reconhecido pelos próprios alunos e familiares, revelando-se essencial no processo de cuidado integral e educação em saúde.

A pedagogia hospitalar revela-se, portanto, como uma prática educativa essencial e transformadora, que ultrapassa os limites físicos da escola tradicional e reafirma o direito à educação em contextos de vulnerabilidade. As pesquisas analisadas demonstram que o trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar vai muito além da simples transmissão de conteúdos escolares: ele envolve o acolhimento, o respeito às particularidades de cada criança e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais. Essa atuação contribui significativamente para o bem-estar emocional, a motivação e o desenvolvimento integral dos educandos, mostrando que é possível aprender mesmo em meio à dor e à adversidade.

É fundamental, nesse sentido, que políticas públicas garantam a formação específica e a valorização do pedagogo hospitalar, assegurando que todas as crianças e adolescentes tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade durante o período de internação. A continuidade dos estudos, o contato com a escola de origem e o uso de práticas pedagógicas humanizadas demonstram que a educação pode e deve estar presente em todos os espaços. A pedagogia hospitalar não apenas ensina conteúdos, mas também oferece esperança, pertencimento e dignidade aos que enfrentam desafios de saúde, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Considerações finais

O estudo em questão explora a evolução da pedagogia, desde suas raízes na Grécia Antiga até a sua expansão para além dos muros escolares, com um foco particular na pedagogia hospitalar. A pesquisa bibliográfica evidencia a transformação da pedagogia ao longo do tempo, destacando que a atuação do pedagogo ultrapassa os limites da escola tradicional, tornando-se um agente de transformação social em diversos contextos.

A pedagogia hospitalar, em especial, é abordada como uma prática essencial na promoção da inclusão social. Ao oferecer aos estudantes hospitalizados um ambiente educacional adaptado às suas necessidades específicas, essa abordagem contribui de forma significativa para a humanização do ensino e o fortalecimento dos direitos educacionais. A pesquisa sublinha o papel fundamental do pedagogo como mediador do conhecimento, atuando de maneira inclusiva e garantindo que a educação permaneça um direito acessível a todos, independentemente das circunstâncias.

Dessa forma, o estudo reafirma a importância de se compreender a pedagogia como uma prática dinâmica, que vai além da escola convencional, e que tem um impacto profundo na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A pedagogia hospitalar, como exemplo de adaptação e inclusão, é um reflexo claro desse movimento, enfatizando o papel do pedagogo na mediação do aprendizado em contextos diversos, sempre com o objetivo de garantir que todos os indivíduos, independentemente de suas condições, tenham acesso à educação de qualidade.

Referências

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Diretrizes nacionais para a educação em classes hospitalares. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial (SEESP), 2002.
- DEWEY, John. Democracy and education: an introduction to the philosophy of education. New York: The Free Press, 1979.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. Educação para a cidadania planetária. São Paulo: Cortez, 2000.

- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: para quê? 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PADILHA, Rosana; PIRES, Márcia. Pedagogia hospitalar no Brasil: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. O fazer pedagógico: docência e trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2017.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Pedagogia e pedagogos: encontros e confrontos. São Paulo: Cortez, 2017.
- PIRES, Maria Aparecida. Direitos educacionais e inclusão social em ambientes hospitalares. São Paulo: Cortez, 2017.
- SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SILVA, Thiago. Sócrates e o método dialógico na educação: um estudo sobre a filosofia socrática. São Paulo: Moderna, 2010.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Yin, R. K. (2010). Estudo de caso: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman.
- RABUSKE, Juliana Maria Fischer; HORN, Cláudia Inês. O hospital como espaço de atuação para o pedagogo. Educ. Form., Fortaleza, v.8, e10102, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e10102>